



Das raízes

Quatro meses no Brasil
Brigada de Benjamin,
LAG Noruega

Brigada de solidaridade

Outono 2014, 11 jovens noruegueses fomos pro Brasil com o objetivo de conhecer melhor a vida política no Brasil, a vida no campo e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – o nosso parceiro principal durante os 4 meses que passamos no Brasil.

Nós, a Brigada Benjamin, começamos a nossa estadia no Brasil na Escola Nacional Florestan Fernandes, a escola nacional do MST em São Paulo. Através das aulas, as discussões e o programa político conhecemos o MST e outros movimentos sociais, as lutas e as suas histórias.

No município de Santa Quitéria no estado do Ceará participamos na vida cotidiana das famílias que vivem da agricultura e da pecuária. Apesar das diferenças entre os assentamentos, todos eles tinham um desafio em comum: a Seca e a falta de água. No estado do Ceará, durante os últimos 3 anos se está sofrendo um período de seca e quase uma falta total de chuva. A seca trouxe grandes problemas para o pequeno camponês, que foi impedido de trabalhar a terra. A falta de água não é um problema que atinge a todos: o agronegócio exportador segue trabalhando com máxima força. O problema então não é porque não existe água; mas que apenas uma minoria tem acesso a ela. No Ceará soubemos dos planos de abrir a mina de Itatiaia, uma mina de urânio e fosfato, um projeto que causará grandes problemas nos assentamentos que nós visitamos.

No estado de Maranhão seguimos a ferrovia, desde o porto em São Luís até a enorme instalação da mineração em Carajás, Pará. Fomos testemunhas de como a ferrovia na sua passagem por Maranhão atinge várias comunidades com grave poluição, impedimento nas estradas e muito barulho. No Maranhão também vimos como o conflito entre MST e os grandes latifúndios se desdobram, como os assentamentos foram afetados pelos monocultivos de eucalipto e como pistoleiros foram usados pelos fazendeiros para ameaçar aos sem terra calarem em silêncio.

Nesta revista queremos compartilhar algumas das nossas experiências e conhecimento adquirido, e mais coisas que aprendemos durante os nossos quatro meses no Brasil. A característica comum entre tudo mundo que nós conhecemos é a certeza de que uma sociedade justa só pode ser construída debaixo, e em coletividade. A partir das nossas raízes - e só assim que as mudanças sociais podem virar realidade. Com novas experiências, sabedorias, pele queimada e a barriga cheia de arroz e feijão, continuamos divulgando estas informações aqui na Noruega e continuamos na luta. Como MST fala: “Globalizemos a luta, globalizemos a esperança”.

Boa leitura!



Conteúdo

Brigada de solidaridade	2
Conteúdo	3
Brigada Benjamin	4
LAG Noruega	6
As brigadas do LAG	7
Cavando para lucros	8
Punho de ferro	9
O dragão adormecido	12
Saber, viver, lutar	14
As crianças mais ricas do mundo	16
O deserto verde	18
Quando o lucro vale mais que as pessoas	20
A realidade atrás da comida	22
Acumulação por meio da acumulação	24
Globalizemos a luta - globalizemos a esperança	26
Fotos	28
Benjamin Hermansen	30
Agradecimentos	31

Editorial:

Astrid Fadnes (editor)
Tori Elisabeth Eide
Daniel Vernegg
Maria Refsland
Tora Kristiane Madsen Finne
Ingeborg Aasness Fjeldstad
Ingrid Andrea Holland
Brage Lie Jor
Vilde Haugsnes
Karl Ruben Gaasø
Anton Sundström

Contatos:

ingridandrea.holland@gmail.com

Mais informações:

<http://www.latin-amerikagruppene.no//Portugues>

Esta revista é dividida sob licença Copyleft. Isto significa que qualquer copiar livremente, distribuir e editar o conteúdo da carta, contanto que não especifica onde encontraram o original e não fazer dinheiro com isso.

Todas as imagens são tomadas da brigada salvo indicação em contrário.



**Latin-Amerikagruppene
i Norge (LAG)**

Brigada Benjamin

Teórica e filosófica, com integrantes teatrais e hábeis, musicais e esportivos, curiosos estudantes, ativistas, trabalhadores. A Brigada Benjamin, presente:

Vilde “Mama” Haugsnes (25, Bergen)



Vilde é a artesã e a “brasileira” na brigada. Estudou, viajou e trabalhou no Brasil, entre outras coisas trabalhou como vendedora de artesanato em Florianópolis. Agora ela estuda políticas comparativas na Universidade de Bergen. Sem Vilde como tradutora, a brigada estaria perdida durante as reuniões nos primeiros meses da nossa estadia.

Karl “Karlinhos” Ruben Gaasø (21, Bergen)



Karlinho é o menino prático da brigada. Fotografar e filmar são a paixão dele. Na Noruega ele trabalha na indústria metalúrgica. Ele é o representante da juventude da sua fábrica no sindicato. Ele é um artista da bicicleta BMX. Na brigada Karl era responsável pelo equipamento.

Ingeborg «Ingi B» Fjeldstad (25, Oslo)



Ingeborg, “IngiB”, é a menina mais “légua” da brigada, tanto em termos de ser uma estudante de direito na Universidade de Oslo, quanto como pessoa! Ingeborg foi responsável por corrigir os textos da revista.

Tori Elisabeth «Leão de dança» Eide (20, Oslo)



Tori adora dançar, é energética e gosta muito de teatro. Antes de ir pro Brasil, ela estudava em uma escola de teatro. Agora ela trabalha num creche, mas vai começar estudar para ser professora. Tori tem sido responsável pelas revistas na brigada.

Anton “El Sueco” Sundström (24, Värmland, Suécia)



Anton é muito filosófico e o mais excêntrico da brigada. Ele é um cidadão do mundo, mas atualmente trabalha como salva-vidas e barista no único bar brasileiro em Oslo. Anton tem sido responsável por filmar na brigada. Agora ele está criando um grupo de teatro político na Noruega.

Maria “Wenche” Refsland (20, Lilleheia, Flekkefjord)



Maria é a rainha do lixo, uma ativista ambiental. Ela participa no grupo da juventude do Partido Verde, trabalhando para colocar as questões ambientais na agenda política na Noruega. Maria tem sido responsável pela informação na internet e nas redes sociais da brigada.

Astrid “Astrid-dji” Fadnes (25, Molde)



Astrid é estudante de arquitetura. Na escola nacional do MST em São Paulo, ela ajudou a construir a casa das artes, feita de bambu juntamente com outros estudantes de arquitetura do Brasil. A responsabilidade dela na brigada era fazer o design nas revistas.

Daniel «Historikern» Vernegg (23, Stokke no Vestfold)



Daniel é estudante de história e militante em uma organização chamada “Motmakt”, Contra Poder, e no movimento “Planka”, que na Noruega corresponde ao Movimento Passe Livre no Brasil. Ele também era responsável pelas revistas da brigada.

Tora Kristiane «Vermelha» Madsen Finne (19, Bergen)



O apelido que a brigada lhe deu é “vermelha”. Um apelido que se encaixa bem com as suas posições políticas como militante na juventude do partido Vermelho, mas também com a cor do seu cabelo. Tora trabalha como assistente em um lar para idosos. Na brigada, ela era responsável pelas fotos.

Brage «Krabrabrag» Lie Jor (19, Oslo)



Brage é o raio de sol da brigada. Sempre positivo, e resolvendo qualquer tarefa ou desafio com um grande sorriso. Nos últimos anos ele participou ativamente na juventude Socialista. Na brigada Brage era responsável pelas finanças.

Ingrid Andrea «Ingrid-dji» Holland (20, Oslo)



Ingrid não gosta de acordar cedo, mas aqui não existem preguiças! Ela é militante do movimento ambientalista e toca em uma banda punk. Ela fez uma viagem de estudos ao Peru. A tarefa dela na brigada era, juntamente com Ingrid, editar os nossos textos.

LAG Noruega



**Latin-Amerikagruppene
i Norge (LAG)**

O Comitê Norueguês de Solidariedade com América Latina (LAG) trabalha para divulgar informações alternativas sobre a realidade na América Latina e apoiar os povos que lutam por um futuro melhor.

O LAG foi fundado em 1977 e tem o objetivo de divulgar informações sobre a situação social e as lutas sociais na América Latina. O LAG trabalha com o povo em geral, os ativistas políticos e a mídia em particular. Queremos participar ativamente nos debates na sociedade sobre os acontecimentos na América Latina. Cada ano LAG convida companheiros/as dos movimentos parceiros para informar em Noruega sobre a situação nos seus próprios países e participar em discussões sobre questões atuais no continente.

Através de acordos bilaterais ou globais, ajuda externa e atividades econômicas e financeiras, o Estado norueguês influencia o desenvolvimento na América Latina. LAG luta para que as instituições norueguesas contribuam para um desenvolvimento que os próprios povos e movimentos sociais latino-americanos desejem, e contra das atividades que causem danos nas suas vidas. O povo latino-americano tem o direito de escolher o seu próprio caminho.

Articulações na América Latina

O LAG apoia as lutas dos movimentos sociais contra o capitalismo, as guerras, a violação dos direitos humanos, a discriminação e o mercado

livre, e para uma democracia real. Um tema fundamental para LAG é o controle popular sobre os recursos naturais. O LAG tem articulações com movimentos indígenas, sindicatos, movimentos camponeses, mulheres e outros movimentos populares. Os nossos parceiros e lutas com afinidade são MST, Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil, Conavigua da Via Campesina da Guatemala, CNA de Colômbia e as comunidades zapatistas em Chiapas, México e Movimento Comunal na Nicarágua. O LAG também tem bons contatos com várias movimentos e organizações na Bolívia, El Salvador, Uruguai e Venezuela.

A organização

LAG é baseado no trabalho realizado pelos ativistas voluntários, organizados em grupos locais no país inteiro, também tem grupos que trabalham com temas ou países particulares entre outro tem um grupo de mulheres bem forte. O LAG produz livros e artigos, uma revista para os membros da organização; organiza seminários e debates e também trabalha em redes, faz campanhas nas ruas e escrevem pronunciamentos.



Livro produzido por LAG:
“Soluções latino-americanos”

As brigadas do LAG

Cada ano o LAG organiza várias brigadas entre Noruega e países na América Latina como também entre países parceiros na América Latina.

Brigadas norte-sul

O projeto das brigadas começaram com brigadas de norte para sul em 1979. As primeiras brigadas da Noruega foram para Nicarágua durante a revolução e a guerra civil que seguiu. Os Objetivos dessas brigadas eram de mostrar solidariedade com a população e ajudar os camponeses de continuar sua produção ainda se muitas deles estavam lutando na guerra. Durante aquele tempo foram mais de 100 noruegueses para Nicarágua para apoiar os sandinistas (FSLN) e trabalhar com os camponeses. Em 1988 o LAG parou de dar apoio diretamente ao governo sandinista, e começou apoiar o movimento camponês, UNAG.

Em 1997 o LAG percebeu que não era mais necessário ajudar com trabalho nas roças, então mudamos o modelo para em diante enfocar mais na divulgação de informações sobre a situação e as lutas na América Latina.

Brigadas sul-norte

As brigadas do sul-norte começaram em 2005, os objetivos dessas brigadas e que os participantes dos movimentos parceiros vêm para Noruega, e junto com LAG divulgam informação na Noruega sobre a situação e as lutas no país deles. Outro objetivo é que os brigadistas aprendam sobre as lutas históricas e atuais na Noruega.

Esperamos que as experiências internacionalistas sejam úteis nas lutas nos seus próprios países.

No 2014 tinha quatro pessoas do Brasil, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Noruega participando no projeto da brigada. Andreison de Araújo passou 3 meses na Noruega, ele explicou que durante o tempo ele aprendeu bastante sobre a situação política e econômica na Noruega. Andreison também explica que o foco principal deles foi questão da soja. Explicando para pessoas as grandes consequências para os camponeses brasileiros, da grande importação de soja em Noruega. Ele diz que a melhor experiência dele na Noruega foi todos os encontros com outros movimentos e organizações, trocando ideias e experiências.



Andreison de Araújo fazia parte da brigada de MST que foi para Noruega

Brigadas sul-sul

Depois de muitas experiências boas com as brigadas, o LAG em 2009 começa facilitar o Intercâmbio direto entre as organizações parceiras na América Latina. O objetivo nestes intercâmbios é fortalecer as redes de solidariedade e a formação política entre os jovens de organizações de base na América Latina.



O assentamento Queimadas fica apenas 5 quilômetros da serra de Itataia, onde tem planos de extrair urânio e fosfato.

Cavando para lucros

Como tema principal a brigada tem focado seu trabalho e programação política na *mineração*. No Maranhão e Ceará aprendemos como a mineração tem enorme impacto nos povos.



Astrid Fadnes

No Ceará aprendemos sobre os novos planos do estado do Brasil: uma nova mina do urânio e fosfato, a mina *Itataia*. Ela fica no sertão no município de Santa Quitéria e é o reservo mais grande do urânio no Brasil, e o quinto maior do mundo. INB, Industrias Nucleares do Brasil e a empresa Galvani são responsáveis pelo projeto que extrairá urânio para produzir energia nuclear e fosfato para produzir fertilizantes. No ano 2014, a empresa norueguesa Yara comprou parte da empresa Galvani e agora faz parte dos planos de mineração na Santa Quitéria. Segundo o núcleo de estudos Tramas da Universidade Federal do Ceará, 6000 famílias em 42 comunidades vão ser diretamente atingidas pela mina,

através consequências como poluição de água e desvaliação da terra.

No Maranhão fomos conhecer os impactos da mina de ferro mais grande do mundo: Carajás. Ela fica no estado Pará, mas o trem que leva o ferro pros portos atravessa Maranhão. A empresa Vale que conduz a produção, a empresa foi selecionada como a pior do mundo. O trem que leva o ferro desde a mina até o litorão no São Luís, corta muitas comunidades e deixa grave poluição, barulho e problemas no dia a dia nas comunidades impactadas.

Os negócios da mineração provam como o capitalismo e a busca de lucro atinge gravemente o povo brasileiro.



Punho de Ferro

A pior empresa do mundo, a Vale, construiu no norte do Brasil um local chamado Carajás, a maior mina de ferro a céu aberto no mundo. Com a sua mão de ferro sobre o estado do Maranhão, a empresa impede o desenvolvimento e prosperidade dos moradores.



Ingeborg Fjeldstad

Ao prometer desenvolvimento sustentável na região norte do Brasil, a multinacional Vale opera como quiser. A empresa tem extraído ferro da mina de Carajás desde 1986, e hoje grande parte do Maranhão sofre com as consequências negativas que a mineração traz. Embora existam evidências do envolvimento da empresa na violação de direitos humanos, a extração de minerais continua.

O paradoxo do desenvolvimento

O Maranhão é um estado caracterizado por contrastes: Apesar de ser um dos estados mais ricos em recursos naturais a população do Maranhão é a mais pobre do país. Atualmente o estado foi invadido por empresas que extraem recursos, prometendo desenvolvimento e pros-

peridade em retorno. A realidade, porém, é que essas mesmas empresas levam bilhões de reais para fora da região cada ano, enquanto os moradores do estado estão cada dia mais empobrecidos. Neste ponto, a Vale é uma das piores empresas: a empresa ganha anualmente 120 bilhões reais, porém, paga apenas um por cento em impostos ao governo do estado em que está explorando.

A mineração da Vale domina todo o Maranhão. Ela domina as áreas ao redor da mina, ao longo dos trilhos do trem que transporta ferro para o porto de São Luís, nas muitas usinas de fundição e nas enormes plantações de eucaliptos que são necessárias pro processo de extração do ferro. Apesar da óbvia presença da empresa na área, ela presta pouca

atenção aos moradores. As consequências negativas da produção de ferro são, contudo, muito extensas. Essa produção causa grande degradação ambiental, poluição, poucos empregos e a destruição das formas de vida tradicionais da população.

O maior trem do mundo

O trem da Vale, que é o maior trem do mundo, transporta o ferro da mina no Pará, e atravessa todo o Maranhão para chegar ao porto em São Luís, onde os minerais são enviados para outras partes do mundo. Nesse caminho, o trem atravessa, polui e divide 100 comunidades indígenas, 28 reservas naturais e vários assentamentos do MST. A falta de segurança ao longo dos trilhos do trem, com cruzamentos e semáforos, faz com que o trem cause uma morte por mês.

Hellen Jaqueline Pires Belfort, que vive no Quilombo Santa Rosa dos Pretos, conta como é viver ao lado dos trilhos do trem da Vale: “Quando os trilhos do trem foram construídos, a Vale prometeu empregos e desenvolvimento na aldeia. Mas a única coisa que temos agora é poeira poluente, barulho, casas rachadas e nunca recebemos nenhuma compensação. Ainda estamos vivendo em casas feitas de barro, e nossas estradas não estão asfaltadas. Para Belfort é uma piada a Vale falar que traz empregos e prosperidade. “Embora os trilhos do trem passem a poucas centenas de metros da minha casa, eu não sei o que é produzido naquela mina. Será que aquele negócio que eles estão extraindo torna-se ouro quando chega ao exterior?”, ela se pergunta.

O céu preto

Usinas de fundição poluentes, que são necessárias na indústria de ferro, existem em todo o Maranhão. Estas usinas criam nuvens negras de poeira que sufocam as aldeias vizinhas e criam graves danos no ambiente e na saúde da população. Piquiá de Baixo é uma das aldeias atingidas. A Vale construiu trilhos de trem em Piquiá e a partir disso foram criadas cinco usinas de fundição aqui - todas perto da vila. William Pereira de Melo, que viveu em Piquiá por 30 anos, conta sobre as graves consequências que a mineração feita pela Vale causou na sua comunidade: “As usinas de fundição contaminaram tudo, o ar, a água, o solo. Nós éramos uma comunidade agrícola antes, mas agora não podemos mais pescar ou cultivar - tudo foi destruído; inclusive a nossa identidade de agricultores”. Hoje a população pobre vive em pequenas casas de madeira, e a maioria são contratados temporariamente pela Vale ou estão desempregados. Os problemas de saúde causados pelas fábricas, trouxeram um rastro de destruição e morte para a comunidade. Vivendo constantemente de baixo de uma nuvem preta, deixou 90% dos cidadãos com uma saúde



“Vale diz que trazem desenvolvimento, mas eles levam com ignorância. Para eles, nós somos um povo sem valor”. William Perreira de Melo, Piquiá de Baixo.

enfraquecida. Muitos têm problemas respiratórios, tuberculose. Câncer de pele e de pulmão ocorrem com muito mais frequência aqui do que em outras partes do país. “Crianças de cinco anos na nossa comunidade morrem de câncer de pulmão, e as mães carregam metais pesados no leite materno que é transmitida para as crianças através da amamentação. Há só miséria aqui!”, conta de Melo, perturbado. Apesar das consequências extensas e bem documentadas da mineração, a mineradora Vale não admite culpa ou responsabilidade. “A Vale diz que traz desenvolvimento, mas eles trazem só ignorância. Para eles, nós somos um povo sem valor”, diz de Melo.

A política contra o povo

O poder da Vale tem é resultado da política realizada no Brasil durante as últimas décadas. A economia do país é baseada em exportações de recursos naturais, e as empresas

multinacionais que querem extrair estes recursos são recebidas de braços abertos pelos governos. Além disso, a Vale financia as campanhas eleitorais de vários partidos políticos, e a empresa também tem vários representantes no Congresso. Assim, todos os políticos do estado estão protegendo os interesses da Vale, ajudando a empresa a fugir de suas responsabilidades. Enquanto não existir uma regulamentação em nível internacional, com normas que as empresas têm de seguir, ou instituições onde as violações são sancionadas, empresas como a Vale estão livres para atuar como quiserem. Nem o país anfitrião ou a comunidade internacional sancionam às violações maciças dos direitos humanos cometidas. O fato de que a Noruega investe em empresas que violam os direitos humanos, faz que também o povo esteja aceite essa sistema tão repressivo.



A Vale construiu trilhos de trem em Piquiá de Baixo e a partir disso foram criadas cinco usinas de fundição aqui - todas perto da vila. A poluição é enorme e a população tem sofrido problemas de saúde.

O dragão adormecido

No meio do sertão no Ceará, existe uma montanha de fosfato e urânio - uma montanha muito valiosa. Os agricultores que vivem perto, não tem nenhuma esperança que os frutos da montanha possam crescer no seu quintal.



Maria Refsland
e Astrid Fadnes

Tomamos a trilha que já fizemos várias vezes antes. A trilha entre as 17 casas que formam o assentamento Queimadas, a diferença é que agora caminhamos equipados de câmeras e cadernos. A conversa flui fácil. Começa com a obrigatoria xícara de café adocicado e depois perguntamos "Qual é a opinião de vocês sobre a mina de Itataia?" e eles partem para o relato. Para aproveitarmos a varanda, Zilma Mazedo Viana traz varias cadeiras e nos acomodamos. A nossa expectativa de uma entrevista tranquila com as duas moradoras lse transforma logo em uma grande reunião da vizinhança, com grande participação de todos e todas.

Grande resistência

"Eu não posso me imaginar morando aqui caso a mina seja aberta", fala Zilma, depois de ter levado as xícaras de café vazias de volta para a cozinha. Ela e seu marido moram em Queimadas desde a criação do assentamento em 1999, foi aqui que criaram os filhos e agora ajudam a criar os três netos. O irmão de Zilma trabalhou 10 meses na mina durante os testes de detonação de explosivos na década de 1980, e contou que várias pessoas que trabalharam no local ficaram doentes. Hoje em dia são poucas pessoas no assentamento que apoiam ou aceitam trabalhar na mina "Nós temos medo das doenças e da poluição causadas pela mina". O medo da poluição de perder ar e água saudavel

é grande. O rio que abastece o assentamento com água, ainda que agora está sem água em razão do quarto ano de seca na região, tem suas nascentes perto da mina. Zilma é incentivada a prosseguir " Nós sabemos que as doenças existem. Também sabemos dos problemas sociais que a mão de obra sazonal traz, como prostituição e narcotráfico." Perguntamos quais são as informações que recebem da mineradora. "As empresas falam apenas das coisas boas, falam que nada pode dar errado". Evaristo Bizerra Mateus, criador de cabras, padre no assentamento, com um largo sorriso debaixo do chapéu de palha, encontra um banquinho e se junta ao nosso pequeno encontro. Ele adota um tom sério quando perguntado "Eles estão apenas interessados no lucro e não pensam nos efeitos colaterais desse lucro".

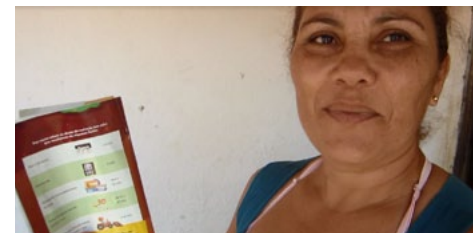


Os moradores de Queimadas compartilha a sua preocupação sobre a mina Itataia

Continuamos a nossa caminhada até a casa de Francisca Maria Francineide Alves Ferreira. Ela mora em Queimadas junto com seu marido, suas três irmãs e os seus animais. "Eu me lembro bem da luta que tivemos

para conseguir essa terra. Começou em 1995. Em 1999 conseguimos a terra e desde então temos vivido aqui" nos conta Franci, como ela é conhecida no assentamento. Ela é uma mulher alta, de casa, duns 40 anos de idade, e possui uma autoridade na fala herdada de sua mãe. "As empresas falaram que não vai haver poluição. Eles disseram que esse é um projeto que vai trazer trabalho para a região" explica Franci, antes de nos mostrar um livreto sobre o projeto. "Os que fizeram isso aqui acham que a gente é burra. Eles comparam a radiação da mina com aquela das radiografias de dentes." O livreto foi feito pelas empresas mineradoras, e foi distribuído para os moradores da região durante os encontros entre a população e as empresas. A maioria é contra a mina. Se eles realmente abrirem a mina nós vamos para a luta. Mas se o governo for a favor, qual força temos nos para dizer o contrário? Nós somos um grupo pequeno. Como podemos lutar contra o governo e o poder?" Francisca faz um paralelo entre a questão da mina e a luta que eles tiveram para conseguir a terra que habitam. "Durante todo o processo eu escrevi cartas e documentos para o governo, mas nunca senti medo." ela concluiu. O silêncio depois das palavras sérias não demora muito tempo. "Pois é. Eu poderia falar muito mais, mas agora estou ocupada". Ela se levanta com um sorriso no rosto, e essa alegria nos contagia enquanto todos caem na risada.

Até aquele momento, nenhum dos moradores da região, recebeu qualquer oferta de compensação, ou de outro local para viver. Isso trouxe incerteza para a comunidade e insegurança em relação ao futuro.



Francisca mostra o livreto sobre o projeto, "Eles acham que a gente é burra"

O dragão na montanha

De caderno na mão, nossa volta pelo assentamento continua até a casa do vizinho e criador de cabras, Antônio Gomes de Misquita. "O nome que eu dou para eles é o dragão adormecido", ele fala. O rumor chegou até a casa do seu Antônio, e ele também quer compartilhar sua opinião sobre a mina." A mineração de urânio tem dois lados, e o lado lucrativo não é o nosso". Da varanda de Antônio é possível avistar, atrás do pasto das cabras, a montanha. "Urânio é igual um dragão. Se você não mexer com ele, o dragão não incomoda. Mas se você acorda o dragão, ele fica muito bravo". A resistência em Queimadas é grande, e cresce cada vez que os moradores se informam. Já o governo brasileiro, está cada dia mais disposto a aumentar e multiplicar as minas, sem medo de acordar o dragão.



"O lucro não é para nós", Antonio, morador de Queimadas também é em contra da mina.

Saber, viver, lutar

“Hoje vamos aprender novas letras do alfabeto”, grita Carlúcia Rodrigues Alexandre na sala de aula. Ela é professora no assentamento Picos de Cima, e faz parte do programa de educação e alfabetização do MST para adultos (Educação de Jovens e Adultos, EJA).



Tora Kristiane Madsen Finne

O relógio se aproxima às 7h da noite e quase vinte pessoas estão sentadas na sala, prontas para aula do dia. Há tantos jovens quanto idosos na sala, e todos estão com livros e lápis na mão.

O MST trabalha com educação desde 1989, embora este programa tenha começado somente cinco meses atrás no assentamento Picos de Cima. Em 1989 o MST realizou a sua primeira grande reunião sobre a educação, em Brasília. Na ocasião, reuniram-se integrantes do MST para trocar experiências e discutir a futura estratégia relacionada à educação do campo.

Entre as pessoas que estão atualmente na escola em Picos de Cima para aprender a ler e escrever, há uma grande variedade de histórias de vidas. Porém, boa parte dessas pessoas divide uma história comum, a das pessoas que trabalhavam em condições desumanas nas grandes fazendas, antes de começarem a participar na ocupação de terra. Os que trabalhavam nas grandes fazendas não tinham possibilidade de ir para escola ou educar-se por conta própria. Muitos acreditam que excluir-los da educação era uma estratégia para reprimir os trabalhadores e garantir a permanência da mão de obra nas fazendas.

Saber, Viver, Lutar

“Saber, Viver, Lutar” Este é o nome do livro didático que a professora Carlúcia usa na sala de aula. Ela nos mostra o livro com orgulho e diz



Carlúcia Rodrigues Alexandre é educadora no assentamento Picos da Cima. Aqui com a filha Leticia (4).

“Este livro trata do ensino da vida e da história da luta. A consciência da nossa própria história e a nossa realidade, e a dos outros, é essencial para construir a coletividade dentro dos assentamentos”, diz professora Carlúcia. O modelo educativo do MST é parcialmente baseada na pedagogia socialista e na pedagogia do educador brasileiro, Paulo Freire. Freire participou em uma grande campanha contra o analfabetismo na década 60, e se tornou conhecido internacionalmente através do método de ensino “A pedagogia do oprimido”.



Trabalho dedicado:
Ambos jovens e velhos se reúnem na escola, quatro dias por semana.

No seu método, Freire enfatizou que “Pobres não devem ensinar pobres o conhecimento do mundo rico, mas dar-lhes a oportunidade de formar a sua própria consciência e conquistar o seu mundo.”

Outra visão que tem sido bastante importante para o MST, e também para muitos outros movimentos políticos ao redor do mundo, é a do italiano Antônio Gramsci. A visão de Gramsci foi que a educação é um meio de poder do Estado para criar consenso sobre o status quo. Ao criarmos os nossos próprios modelos educativos contra-hegemônicos, há a possibilidade de formarmos uma população dotada de senso crítico. Modelos próprios tornam possível para o povo questionar as percepções estabelecidas sobre o que é normal ou legítimo em uma sociedade. Ferramentas educacionais são fundamentais na luta de libertação.

No ensino do MST aprende-se também coisas importantes e úteis para o dia a dia no campo. Entre outras aprendizagens, os estudantes aprendem a melhor forma de fertilizar ecologicamente a terra de cultivo, como criar uma agricultura

ética e orgânica, opondo-se ao rápido crescimento imposto pelo agronegócio e monocultivo no Brasil. Outro ponto importante deste modelo de ensino é a aprendizagem das consequências do uso extensivo de agrotóxicos e do agronegócio. Ao conhecer essa indústria, aprende-se também sobre o funcionamento do sistema capitalista, possibilitando um senso crítico ao estado das coisas.

Os resultados da luta

No início, a Carlúcia não quis ser professora no assentamento, porque ela já sabia da grande responsabilidade que esse trabalho traria. Hoje ela diz que está feliz por ter mudado de ideia. “Eu vi o quanto a educação é importante para o assentamento, e para a luta em geral.” Apesar de estar a apenas cinco meses na escola de Picos de Cima, já é possível notar os efeitos positivos de seu trabalho. “Nós temos um senhor de 81 anos de idade aqui no assentamento. Ele não sabia escrever o seu próprio nome antes de começar na escola. Agora, ele pode ler e escrever pequenos textos. Isto é incrivelmente inspirador!”, finaliza a professora Carlúcia.

As crianças mais ricas do mundo

Tem sido uma jornada com muitos contrastes. Ricos e pobres, jovens e velhos. Aquele que parece mais sortudo, talvez não seja tão sortudo assim.



Karl Ruben Gaasø

A imagem dos pobres nas ruas e dos helicópteros que voam por cima daquele povo, levando a elite para seus escritórios em São Paulo, não é possível esquecer. Os contrastes entre os turistas na “Praia do Futuro”, em Fortaleza, e o senhor que eu cumprimentei em uma favela ao lado, provocaram em mim aversão. As extensas áreas de monocultivo de eucaliptos que cercam o assentamento ‘Califórnia’ do MST, me assustaram. A relação entre os poderosos proprietários de terras e a senhora com quem eu encontrei enquanto um caminhão descarregava sua carga, e que trabalhava para um desses proprietários, me deixou com raiva. Morar em Cipó Cortado, onde as famílias têm casas de barro, comparado com a família média na Noruega, me fez refletir.

Eu cresci com uma mãe amorosa e um pai encorajador. Eu podia escolher a minha profissão e não precisei pagar pelos meus estudos. Sempre tive acesso a todos os serviços básicos de saúde, e se acontecesse algo fora do comum, como muitas vezes acontece, o socorro nunca estava a mais do que 30 minutos de distância. Agora eu tenho 21 anos, já me formei, tenho um emprego fixo e uma casa. Eu sou uma pessoa “bem sucedida”. O meu futuro é reservado ao trabalho. O

meu pai sempre me dizia algo que eu sempre acreditei; “Você nasceu na Noruega e isto te coloca entre as crianças mais sortudas do mundo.”

O Brasil é um país rico, mas é cheio de miséria. Todo o sofrimento que eu vi provém definitivamente da desigualdade. É fácil se tornar crítico do sistema na realidade brasileira. O Brasil e a Noruega são o resultado de duas maneiras diferentes de gestão do mesmo sistema capitalista, sendo que um é mais



Numa trilha com Anna Christina (5) no assentamento Cipó Cortado. Difícil de navegar com Barbie no olho, mas os dois saímos vivos.

brutal do que o outro. Na Noruega a crítica do sistema está se apagando, estamos paralisados pelo materialismo e fomos nós que escolhemos votar em forças de direita que querem soltar o monstro. No Brasil prevalece esse monstro livre e organizações que criticam o sistema estão lutando. No MST são os trabalhadores da terra que exigem de volta o direito do seu próprio futuro. Eles não são movidos por ideologia, mas por uma necessidade urgente de mudança. Em alguns lugares mágicos no Brasil, os ricos já devastaram quase tudo.

O assentamento Cipó Cortado é formado por famílias que por gerações têm investido o seu trabalho nas terras dos grandes proprietários. Oito anos atrás, eles se reuniram, ocuparam as terras e exigiram que elas fossem distribuídas de forma justa. Através do trabalho duro e da democracia direta, eles já construíram os pilares da sociedade onde eles querem criar seus filhos.

As famílias assentadas têm agora as suas próprias terras para cultivar e todo o trabalho beneficia as famílias. Todas as crianças têm acesso ao ensino primário e os mais velhos passaram a ter acesso à educação para adultos. Eletricidade já foi instalada nas casas e água encanada está vindo. A única preocupação é a longa distância até o centro médico mais próximo, que fica a 90 km de distância do assentamento. Este risco vale a pena, quando a outra alternativa de moradia seria a cidade. Na cidade as pessoas respondem a um patrão e correm atrás do relógio. No campo vive-se a vida

pelo ritmo da natureza. Casas de barro com tetos de palma podem ser consideradas como algo primitivo, mas essas casas foram desenvolvidas para este clima por centenas de anos. Dentro das casas o cafezinho está sempre pronto e é oferecido para os transeuntes que aí passam. Isto é um contraste para os noruegueses, que estamos no último lugar nas estatísticas de felicidade. Posso garantir que os colonos em Cipó Cortado ocupariam os primeiros lugares na mesma estatística com os seus grandes sorrisos.

Os meus irmãos vão passar pelos mesmos caminhos que eu tenho trilhado, em um sistema educativo que produz funcionários. Juntos, vamos fazer as mesmas coisas como os nossos pais e os seus antecessores. O nosso trabalho sempre será a propriedade de outros e o salário é a única coisa que nos resta.

Riqueza para mim não é o poder de compra: é ser feliz e criar para aqueles que eu amo. A possibilidade de fazer isso, faz talvez as crianças em Cipó Cortado as mais ricas do mundo.



Um dia de trabalho para limpar o terreno junto com Arkangel. Agora está pronto para plantar feijão e mandioca.



Bem organizados estão parados os árvores de eucalipto da empresa Suzano, com quase exatamente um metro e meio entre cada um. Apenas umas pequenas plantas tem como sobreviver entre eles.

O deserto verde

A área é chamada de “o deserto verde”. Há um mar de árvores de eucaliptos em longas filas, até onde os olhos conseguem enxergar. É uma área onde só crescem essas árvores, magras e altas. Porém, existe um oásis, o assentamento do MST chamado Califórnia. É neste oásis que eu estou neste momento.



Brage Lie Jor

Os idosos do assentamento lembram-se como era quando essas áreas ainda faziam parte da floresta amazônica. Mas isto era antes, antes que as madeiras, o bovino e companhia mineradora, Vale, chegou com as suas máquinas e cortou a floresta tropical. Cortaram para plantarem outras árvores iriam ser queimadas pra a produção do carvão vegetal. A Vale precisa do carvão para derreter o ferro bruto extraído das minas na criação de ferro utilizável. As arvores aqui usadas na produção de carvão são os eucaliptos. A preferencia dessas árvores vem porque elas crescem mais rápido e possuem maior qualidade, e para a companhia, isto significa mais dinheiro. Hoje em dia não é mais a Vale que planta árvores para a produção de carvão. Agora é uma companhia chamada Suzano que é dona das plantações. Suzano é uma dos

maiores fornecedores de produtos de papel e celulose. Cada uma das milhares das árvores que aqui crescem, é propriedade da Suzano. Ela tem tantas árvores que cada cinco minutos, todos os dias, o ano inteiro, um caminhão carregado de toras entra pelas portas da fábrica. Pode se questionar: Porque é que isto representa um problema? Todos entendem que estamos falando de uma quantidade muito grande de madeira, mas nem todos sabem que essa produção destrói a vida das pessoas que moram neste deserto verde. Eucalipto é uma planta que degrada a terra. Durante os primeiros anos de vida, as raízes das árvores de eucalipto extraem os bons minerais, como nitrogênio, da terra. Depois de anos plantando e cortando eucalipto, a falta dos minerais permanece na terra, tornando-a improdutivo por muitos anos. Os agrotóxicos usados

matam toda a vegetação ao seu redor. Pelas consequências dessa substância, os moradores começaram a chamar as plantações de “deserto verde”. Não há plantas que crescem ao redor dessas árvores de eucalipto: nem flores, pássaros ou insetos vivem aqui – nada cresce ou sobrevive na área. Poucos anos atrás esta era uma das áreas do mundo com maior diversidade na fauna e flora. E agora nada. Além das substâncias venenosas dos eucaliptos, que destroem a terra, há também os agrotóxicos que a Suzano usa para eliminar outros tipos de plantas que podem competir com as árvores. A consequência dessa degradação ambiental, é que os insetos e os animais também desaparecem. É impossível cultivar ou produzir comida em muitos dos oásis como Califórnia dentro do deserto porque pois a terra foi arruinada. As pessoas que moram nestes oásis relatam que várias pessoas ficaram doentes por morar na área. Os dados relativos ao câncer e crianças nascidas com deformações genéticas estão aumentando. As consequências que estas plantações têm na saúde e no

meio ambiente são enormes. Porém, a maior consequência é ainda social. Depois de tornar as terras dos pequenos produtores improdutíveis, a Suzano bate nas portas dos agricultores e oferece comprar a terra destruída. A Suzano quer dobrar a quantidade de eucaliptos na área e oferece ao pequeno produtor, que já está com problemas financeiros, praticamente nada pela terra. Sem outras opções, o pequeno produtor é forçado a pegar as esmolas que a Suzano oferece, e mudar-se para a cidade. A Suzano está forçando mais e mais pequenos produtores a sair dos oásis e ir para as grandes cidades, e assim os recursos naturais continuam se concentrando cada vez mais nas mãos de uma pequena elite. Por essas razões, a Suzano é um dos principais inimigos do MST aqui no Maranhão. Enquanto os integrantes do MST lutam para manter as suas terras e poder sustentar a sua família, uma terra que foi conquistada só depois de muita luta, a Suzano luta para expulsá-los. Esta é uma luta entre os que querem mais deserto, e os que querem criar mais oásis e mais vida.



Califórnia é uma das comunidades que são ameaçadas pelas empresas. Aqui passamos eu, Ingeborg, Ingrid, Anton, Tori og André tres semanas.



Cajueiro parece um paraíso na primeira vista, até perceber o porto enorme no horizonte.

Quando o lucro vale mais que as pessoas

A visita em Tauá-Mirim nos deixou com fortes impressões. Lá, vimos com os nossos próprios olhos, a brutalidade das empresas contra os moradores locais para alcançar os seus objetivos.



Vilde Haugsnes

Uma das primeiras visitas que fizemos em São Luís foi no local Tauá-Mirim. Esta área é composta por 16 diferentes sociedades tradicionais que existem há mais de 200 anos. Durante os últimos 30 anos, desde que uma das muitas empresas grandes e poderosas ocupou a área de terra, a vida nas comunidades tem ficado mais difícil a cada dia que passa. Hoje, o Tauá-Mirim está cercado por fábricas e portos, cujos donos querem expandir-se para o seu território. Essa situação já trouxe consequências sérias para os moradores que aqui vivem.

Porto triunfa de peixes

Quando diferentes empresas começaram a construir um porto perto de Tauá-Mirim elas precisavam também cavar a baía próxima para tornar possível que os grandes navios de carga pudessem entrar no porto. No entanto, isso resultou na destruição de áreas costeiras, a areia foi tirada e o que restou foram “praias de barro” onde é impossível caminhar a pé. A praia era uma importante área para os pescadores de caranguejo,

no entanto, o que sobrou agora são só estas praias de barro e condições precárias. A quantidade de peixe e camarão também diminuiu após a construção do porto. Parte disso ocorreu por causa da poluição, mas também por causa de organismos estranhos ao ecossistema local que chegam com os lastros de navios estrangeiros. Além disso, há muita poluição que vem das fábricas na mesma área. É por essas razões que o povo de Tauá-Mirim decidiu se reunir para lutar pelos seus direitos e pela sua área. A maior esperança deles é conseguir criar uma reserva!

Reserva por justiça

Em 1996 surgiu a ideia de criar uma reserva extrativista (RESEX) - uma reserva de recuperação na área Tauá-Mirim. Nessa reserva as sociedades tradicionais podem viver e usar a área de forma sustentável, enquanto o desenvolvimento industrial é ilegal. Exemplos de outros locais têm demonstrado que esta é uma boa maneira de preservar as florestas, além de garantir áreas para os moradores. Tauá-Mirim tem todos

os pré-requisitos necessários para se tornar uma reserva extrativista: Há sociedades tradicionais que lá vivem da exploração sustentável dos recursos naturais renováveis, tais como a colheita de frutos, pesca e pecuária de uma escala menor. Além disso, há uma grande área de florestas de mangue, que de acordo com a lei brasileira são protegidas, e que possuem uma biodiversidade muito importante e elevada. Acredita-se que cerca de 70% dos animais marinhos da região utilizam esses manguezais em algum estágio de seu ciclo de vida. O processo de criação da reserva RESEX começou em 2003, e em 2007 foi concluído, só que os documentos finais ainda não chegaram. É evidente que os interesses políticos e econômicos são colocados na frente dos interesses dos moradores.

Em Cajueiro, uma das comunidades tradicionais, pode-se ver claramente como os interesses econômicos ultrapassam os direitos dos moradores. A companhia multinacional Suzano quer construir um novo complexo portuário grande em Cajueiro. Embora a área seja de preservação permanente, a empresa não tem piedade. O processo da construção tem ocorrido muito rápido, e a empresa está pressionando para que o projeto seja aprovado antes do ano novo, pois ano que vem o Brasil muda de governo, o que pode ter consequências nos planos da Suzano. Já houve pessoas da empresa visitando o Cajueiro, reivindicando enganosamente que elas têm o direito sobre a área. A empresa também utiliza outras táticas tortuosas, como entrar em contato com famílias indi-

vidualmente para tentar comprar as suas terras. Se a empresa consegue comprar uma casa, demole-a no mesmo dia. Isto se faz para impedir que as famílias possam mudar de volta para as suas terras. O plano da Suzano é simplesmente limpar toda a área, demolindo as casas, e tirando todas as pessoas da aldeia, para que possam construir o novo porto. Aqueles que não querem vender estão sendo ameaçados e avisados que não existem outras opções. Quando visitamos Cajueiro presenciamos isso com os nossos próprios olhos. Ao longo do caminho, havia várias casas que estavam demolidas e em ruínas. Quando nos dirigimos para a aldeia vimos uma empresa de remoção que estava tirando móveis de uma das casas. Quando voltamos pelo mesmo caminho umas horas depois, a casa já estava em ruínas. O processo foi tão rápido que a família não havia deixado a área da aldeia antes de a casa ser demolida. Esta situação não é exclusiva de Tauá-Mirim. Grandes empresas usam constantemente o poder que possuem, capital e influência política, para evadir leis e regras. As empresas e a busca de lucro passam por cima das questões éticas e de proteção das populações que habitam o local.



Os restos de uma casa, depois a visita dos representantes da empresa Suzano.



Acumulação por meio da expropriação

Além da acumulação de capital que ocorre através do mercado, o capital recorre, caso seja rentável, também para outros meios para garantir lucros elevados.



Daniel Vernegg

Para legitimar o grande desequilíbrio e injustiça social na economia capitalista, os apologistas da ordem vigente têm alegado, desde a revolução industrial, que as diferenças entre ricos e pobres decorre de uma vontade variável de agregar valor através de trabalho, poupança, investimentos sábios e inovação. O pai da política econômica, Adam Smith, reivindicou que a divisão da população entre um pequeno grupo de proprietários e um grupo gigante que não possuía nem um gancho na parede, tinha raízes em tais processos. Ele argumentou, portanto, que esta divisão essencialmente era justa.

Karl Marx passou a grande parte de sua vida teorizando sobre como a produção capitalista mediada pelo mercado tem uma tendência inerente de levar à acumulação de capital a um polo, o acúmulo de sofrimento no outro. Ele, assim como Smith, deu ênfase na poupança, investimento e inovação para explicar a concentração de capital. No entanto, na opinião de Marx esses fatores não eram, historicamente, as únicas explicações

para a desigualdades na sociedade. Ele concluiu que era preciso buscar explicações em processos não comerciais do mercado.

A acumulação primitiva e acumulação por meio da expropriação

Para que o capitalista seja capaz de acumular mais capital, é preciso que esse capital original venha de algum lugar. Na obra *O capital*, Marx descreve como surgiu a primeiro grande acumulação de capital na Inglaterra. Ele chama este processo de acumulação primitiva, e argumenta que, a Inglaterra e outros países, eram particularmente dependentes de processos não comerciais do mercado como expulsão, roubo, opressão e violência. Durante os séculos 16 e 17, dezenas de milhares de trabalhadores rurais foram expulsos das suas terras. Proprietários privados e o Estado queriam redistribuir terras para fins mais lucrativos, como a criação de ovelhas. O método usado era expulsar as famílias, que tinham vivido e morado por gerações, em suas terras.

David Harvey, formado em Geografia Humana, desenvolveu o conceito de acumulação primitiva: enquanto Marx descreveu o fenômeno como um processo histórico do surgimento do capitalismo, Harvey expande o conceito e o usa para explicar os processos que se desenrolam no capitalismo contemporâneo. Harvey lançou por isto o conceito acumulação por meio de expropriação. Em um nível mais geral, ele descreve como o capital privado apropria os recursos públicos, através da utilização de meios não comerciais de mercado. Além de incorporar as características descritas por Marx, o conceito acumulação por meio de expropriação também incorpora outros fenômenos, como por exemplo a privatização de recursos públicos (incluindo os recursos naturais) e a exploração de clientes de cartão de crédito usando sanções draconianas e ilegais para punir os que atrasam o pagamento.

O caso Maranhão

O crescimento econômico recente no estado do Maranhão tem sido baseado na extração de diferentes tipos de matérias-primas, tais como a produção de monocultivos, como soja e eucaliptos, e a extração de minerais, tais como ferro e bauxita. Dentro destas indústrias acontecem várias formas de acumulação por meio da expropriação, o que está contribuindo para o crescimento econômico do Estado e das empresas transnacionais. Este fenômeno tem acontecido com frequência na indústria de mineração e as consequências são muitas: populações indígenas perderam os seus meios de subsistência e estão perdendo aspectos das suas formase de vida e cultura por causa das

minas que foram construídas em seus territórios. A construção de linhas ferroviárias para o transporte dos frutos da mineração impede a população de executar tarefas diárias e básicas. Em muitos lugares o ar está contaminado por pó de ferro ou gases da produção de carvão (vários desses exemplos são descritos em outros artigos dentro dos relatos da nossa viagem). Casos como esses têm, junto com o fato de que muito pouco do lucro proveniente da mineração ser repartido entre as comunidades locais, contribuído para a situação que hoje predomina Maranhão: uma extorsão da população.

A luta contra uma vida nas premissas do capital

Juntamente com a luta pela reforma agrária popular, a luta contra a “expropriação por acumulação” é uma das batalhas mais importantes do MST. Através da organização de comunidades afetadas, o MST luta pelo direito à uma vida em outras premissas do que aquelas ditadas pelo capital. Além disso, lutam pela causa que eles chamam de soberania popular sobre os recursos naturais. A luta acontece através de ações de sabotagem, bloqueios e ocupações: Entre outras coisas, ativistas no Maranhão destruíram fornos de produção de carvão que poluem o meio ambiente, e bloquearam trens que transportam produtos poluentes.

Apesar de que o MST já ter tido sucesso em algumas mobilizações, o inimigo continua forte, e por isto ninguém sabe o que a luta trará no futuro. Esperemos que os moradores consigam ganhar mais controle dos seus próprios recursos, e escapar da devastação do capital.

Globalizemos a luta - globalizemos a esperança

A brigada de solidariedade já passou quatro meses no Brasil, e a estada está chegando ao fim. Então, talvez esteja na hora de se perguntar; O que aprendemos? E quais foram as aprendizagens e experiências que levaremos conosco para Noruega?



Ingrid Andrea Holland

Chegamos pro Brasil no dia 23 de Agosto. Internacionalmente, o Brasil é retratado como um país que passou por enormes mudanças sociais nas últimas décadas. O país era um “Gigante” pobre e relativamente insignificante no mapa do mundo, e passou a ser a 7º maior economia do mundo. Uma economia baseada em um modelo chamado “o modelo de neo-desenvolvimento” que tirou milhões de pessoas da pobreza. Mas o que é pobreza? Durante nossos quatro meses neste país, temos visto que este “modelo de neo-desenvolvimento” na realidade é baseado na exploração brutal da população e dos recursos naturais do país. Este modelo torna as pessoas dependentes de subsídios do governo, e ao mesmo tempo facilita a entrada de grandes empresas transnacionais que priorizam o lucro sobre as pessoas. A representação do Brasil como uma democracia é “só para inglês ver”. O sistema político está dominado pela corrupção, e o capital privado dita as pautas políticas.

Os dois lados do mesmo sistema

Vimos também que os mesmos mecanismos estão nos explorando o mundo inteiro. A prosperidade do

mundo ocidental é construída sobre a exploração dos países mais pobres do sul. O relacionamento da Noruega com o Brasil é um bom exemplo disso. A indústria de carne na Noruega é quase totalmente baseada na soja do Brasil. A agricultura, dita norueguesa, nunca seria financeiramente sustentável se não houvesse soja do Brasil, fonte de ração animal. A agricultura brasileira mecanizada, voltada para a exportação, incluindo a produção de soja para a Noruega, é o setor que apresenta a maior concentração de terras, nas mãos de uma pequena elite, que impedem assim a reforma agrária. É também o setor que, ano após ano, possui a maioria dos casos de trabalho escravo. Outro exemplo são os Fundo de Pensão do Governo - investimentos internacionais. O fundo, que é a maior segurança financeira da Noruega e que é visto como uma apólice de seguro para as gerações futuras, tem enormes investimentos em empresas e indústrias que violam os direitos humanos, exploram os trabalhadores, e operam como se os recursos naturais do mundo fossem inesgotáveis. A forma como estas empresas operam nunca seria tolerada dentro das próprias fronteiras da Noruega.



Com um grito de ordem final nos despedimos o assentamento Califórnia

A organização alternativa

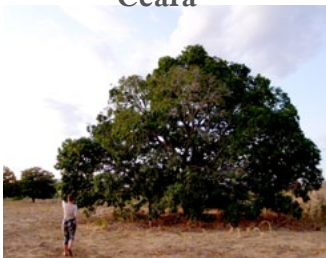
As vezes, tudo parece esmagador e, por vezes, deprimente. Mas durante esses quatro meses, também conhecemos integrantes do MST. Eles fazem parte do maior movimento social da América Latina que através de ações diretas, organização popular e formação dos membros têm encontrado maneiras de lutar contra o sistema. Lutam numa batalha contínua para que as pessoas possam ter uma vida digna baseada na sustentabilidade, cooperação e autossuficiência. Eles nos mostraram que a organização popular funciona. Eles nos mostraram que lutar por suas reivindicações é mais eficiente através da organização do povo do que através do sistema político.

Então o que devemos fazer? Nós não somos integrantes do MST e não somos do interior do Brasil. A gente não pode lutar as batalhas deles aqui. O que nós, como brigada de solidariedade podemos fazer é, tirar lições daquelas pessoas que nós conhecemos. O que temos que fazer é trazer a luta para casa; precisamos globalizar a luta por justiça, para globalizar a nossa esperança. Esta é

também a nossa mensagem para todos que estão na Noruega: É preciso abrir os olhos e enxergar pras lutas que na nossa própria sociedade, para podermos criar um mundo melhor. Além de ter a responsabilidade por nossas próprias ações diretas, todos nós temos também uma responsabilidade sobre o capital que a Noruega investe, como por exemplo, os investimentos do Fundo do Petróleo. Devemos nos perguntar se isso é algo que nós queremos participar e também entender que o resultado das nossas ações locais podem ter um grande efeito em nível global. Precisamos criar alternativas justas e sustentáveis para o sistema existente. E não adianta contatar políticos, ou esperar até as próximas eleições parlamentares. O meio mais eficaz que temos para obter as mudanças que a sociedade exige e precisa, é nos organizarmos. Na Noruega tivemos historicamente, um movimento sindical forte que lutou para conquistar os direitos trabalhistas que temos hoje. Agora é hora de lutar para que a nossa sociedade respeite o direito de todas as pessoas à uma vida digna. É isto que é a solidariedade.



Ceará



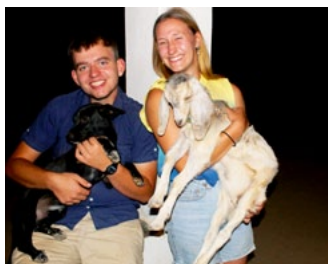
Queimadas



Jardim



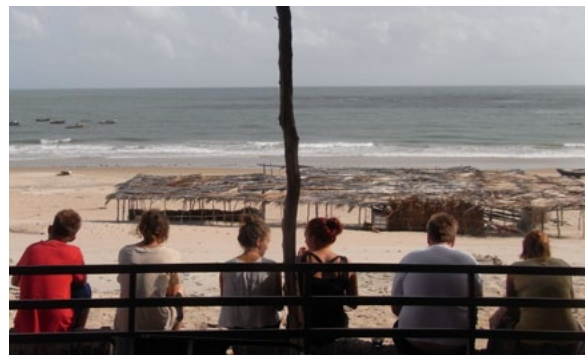
Picos da Cima



Trapiá



Emasa/Esperança



No acampamento do MST na praia Maseió, Ceará



Moradores e militantes do MST no assentamento do Cipó Cortado, MA.



Vale do Ribeira e MAB, São Paulo: "Água e energia, não são mercadoria!"

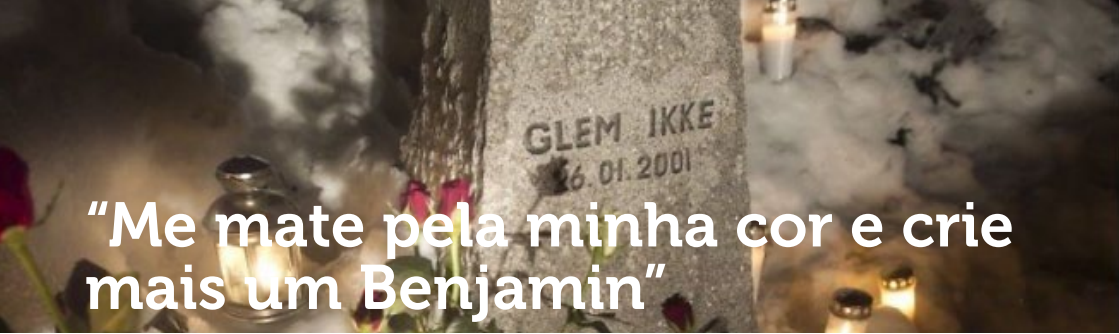


David Karai Popygua e Sonia Ara Mirim na aldeia dos Guaranís de Jaraguá, SP



Acampamento do MTST Nova Palestina em São Paulo





“Me mate pela minha cor e crie mais um Benjamin”

Durante nosso tempo no Brasil fomos conhecidos como brigada “Benjamin Hermansen”.

26 de janeiro 2001, Benjamin Hermansen com 15 anos de idade foi esfaqueado por neonazistas por causa de sua cor, em Holmlia, Oslo. Ele morreu no local. Holmlia é um subúrbio em Oslo com alto número de famílias imigrantes.

Ole Nicolai Kvisler (21), Joe Erling Jahr (19) e Veronica Andreassen (17), três noruegueses, eram participantes de um grupo neonazista chamado “bootboys”. Foram condenados a prisão por este assassinato motivado pelo racismo. Kvisler e Jahr foi condenado por 17 e 18 anos. Veronica Andreassen, namorada da Kvislers na época foi condenada a três anos de

prisão por cumplicidade no assassinato.

No MST, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, é uma prática chamar brigadas e assentamentos por nomes de pessoas que tiveram importância na história dentro das causas do movimento, como um símbolo, ou menção honrosa pela sua luta. Nós também queríamos honrar uma pessoa. Logo pensamos em Benjamin Hermansen como uma alternativa. Pois em nossa história o assassinato de Benjamin virou símbolo da luta contra racismo e o neonazismo na Noruega, já que somente pela cor da sua pele, ele foi morto. Nós decidimos honrar Benjamin e com isso chamar pra luta contra o racismo e o nazismo que vem crescendo na Europa, e também na Noruega.

Nós escolhemos o nome Benjamin Hermansen, e com isso dizemos NÃO para o racismo, NÃO para o fascismo, e NÃO para o nazismo. Estas tendências na Europa são assustadoras, precisamos todos cuidarmos e lutar contra o racismo, e não deixar que este movimento cresça.

Temos de desvestir as mentiras racistas. Devemos combatê-las com conhecimento. Derrubar o ódio.



Uma mística sobre o assassinato do Benjamin na Escola Nacional Florestan Fernandes.

Agradecimentos

Queremos agradecer muito a todas as companheiras e todos os companheiros que encontramos em nossa viagem pelo Brasil, por torná-la única, nos deixando lições importantes, boas experiências e muitas lembranças que vamos guardar para sempre!

Agradecemos especialmente:

- Escola Nacional Florestan Fernandes
- Brigada Apolônio de Carvalho, ENFF
- Brigada Roseli Nunes em Santa Quitéria, Ceará
- Centro Frei Humberto em Fortaleza
- Assentamento Esperança/ EMASA em Santa Quitéria
- Assentamento Trapiá em Santa Quitéria
- Assentamento Picos de Cima em Santa Quitéria
- Acampamento Jardim em Santa Quitéria
- Assentamento Queimadas em Santa Quitéria
- Assentamento do Maseió, Ceará
- O povo originário, Ceará
- MAB, São Paulo
- Comunidade Guaraní da Jaraguá, Itakupe, Sol Nascente
- Secretaria Estadual do MST em São Luis
- Vila Diamante, Maranhão
- Reserva extrativista Tauá Mirim, Maranhão
- Assentamento Califórnia
- Assentamento Cipó Cortado
- Secretaria regional em Imperatriz e Açailândia
- Instituto de Agroecologia, IALA Amazônico, Pará
- Acampamento do MTST, Nova Palestina, São Paulo
- Fábrica ocupada Flaskô, São Paulo
- Favela do Moinho, São Paulo



Grandes abraços da Brigada Benjamin Hermansen!



**Latin-Amerikagruppene
i Norge (LAG)**

O Comitê Norueguês de Solidariedade com América Latina (LAG)